

Marcos ALEGRE

Professor aposentado da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente
e-mail: malegre@stetnet.com.br

Resumo: O texto procura mostrar alguns aspectos da AGB no que diz respeito à organização de eventos e que nunca aparecem nos trabalhos geográficos da associação. É um relato, quase uma memória-depoimento de quem viveu vários episódios marcantes da AGB, não na produção de textos mas na montagem das condições estruturais para que ocorra a apresentação de textos, possa haver o debate das idéias que promovem o desenvolvimento da Geografia agora que ela completa seus setenta anos. Assim, não se cuida aqui, da Geografia, não discute problemas metodológicos mas procura mostrar os bastidores para a montagem dos palcos e tribuna onde se desenvolve o espetáculo. É a atuação de associados que nunca participam desse espetáculo. São os “operários” quase sempre ignorados pelos “atores”, entretanto, eles próprios são atores que passam por momentos difíceis, lutam sempre com a falta de recursos, criam, inventam soluções, vivenciam também momentos pitorescos, desconhecidos da maioria dos associados, mas também ajudam na construção e reconstrução da AGB.

Palavras-chaves: Associação dos Geógrafos Brasileiros, relato, memória, organização de eventos, os bastidores, os associados “operários”, construção da AGB.

Abstract: The text seeks to show some aspects of AGB regarding the organization of events, and that are never shown in the geographic texts of the Association. It is a story of who lived several remarkable events not in the production of texts but in creating structural conditions so the texts could be presented and take place the debate of ideas that promote the development of the Geography now that it completes 70 years. So we don't deal here with Geography, we don't discuss methodological issues but try to show the behind-the-scenes of preparing stages and tribunes where the show takes place. It's the action taken by the associates who never participate in this show. They are the workers almost always ignored by the actors, however they themselves are actor who are put through difficult moments, always fighting the lack of resources from most associates, but who also help in the construction and reconstruction of AGB.

Keywords: Associação dos Geógrafos Brasileiros, story, memory, organization of events, behind the scenes, Associated workers, constructio of the AGB.

À guisa de introdução

Neste ano de 2004 a AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros comemora seus setenta anos de vida. Nasceu pequenina em 1934, constituída por apenas meia dúzia de pessoas, congrega hoje alguns milhares de associados e é, sem sombra de dúvidas, uma das mais atuantes associações científicas do País. Mas o caminho percorrido foi longo e difícil. Nasceu pobre e sua trajetória assemelha-se a de uma pessoa que, embora nascida do amor, cercada de carinho e dedicação dos “pais” tem de lutar muito para atingir uma situação mais ou menos confortável. No caso de nossa associação, a idéia do conforto deve ser substituída por objetivos. Problemas, dificuldades, crises que sempre marcaram a vida brasileira, estarão também presentes em todos os momentos da AGB. Ao longo destes setenta anos, grandes mudanças ocorreram no mundo e no Brasil refletindo-se, evidentemente, também na AGB. Contudo, talvez estimulada pelas próprias dificuldades que se transformavam sempre em desafios, a AGB alcançou memoráveis vitórias. Importante lembrar que a entidade, no caso a AGB, é um ser abstrato um símbolo que se concretiza graças às pessoas que se aglutinam em torno dela e que comungam dos mesmos

Terra Livre	São Paulo	Ano 20, v.1, n. 22	p. 213-230	Jan-Jul/2004
-------------	-----------	--------------------	------------	--------------

ideais e lutam por eles. Claro que há diferenças na atuação de cada associado tendo em vista os valores individuais. Uma associação como esta, assemelha-se a uma família bem constituída mas irrequieta, empreendedora. Seus membros podem brigar, discutir; ocorrem choques de idéias mas acaba sempre prevalecendo o ideal comum que é o progresso de cada um, o bem estar e a felicidade do grupo. Claro que, também aqui, podem ocorrer diferenças de atuação de cada membro, sobretudo se a família é numerosa. A maioria serve à família enquanto que alguns se servem dessa família.

A contribuição da AGB para o progresso da Geografia e sua difusão mais ampla, inclusive em termos de ensino nos vários níveis neste país, é incontestável havendo momentos, inclusive, que, ao se falar em ciência geográfica, imediatamente se associa à AGB. Sua trajetória ao longo do tempo sempre esteve paralela à Universidade e em face de seu dinamismo, independência, flexibilidade e condição de tribuna livre aberta a todos os que se interessam pelos estudos geográficos, não raro a AGB se coloca à frente da Universidade. Esta contribuição da AGB é também afirmada por alguns dos maiores expoentes da nossa Geografia. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, no início de sua memorável obra *A Geografia no Brasil 1934-1977*, p.9, diz que o ponto de partida para seu trabalho foi a produção contida nos anais da AGB e que essa produção é estimada como capaz de espelhar a produção geográfica do País; Rodrigues, Arlete Moisés não tem dúvidas sobre a contribuição da AGB na construção da Geografia brasileira e conclui seu artigo, inserido neste número de Terra Livre, com a frase "A importância da AGB não pode ser medida por "indicadores" simples mas pela forma complexa como os associados atuam e como interagem com a sociedade. E sempre, uma outra Geografia será possível tendo como um dos motores de sua história a AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros".

Vale realçar que uma das grandes características desta associação-fato que talvez tenha contribuído para que ela sempre permanecesse pobre - foi o de, enquanto entidade, não atrelar-se ao oficialismo quase sempre autoritário que marcou, a vida nacional, por largo espaço de tempo e que seus períodos mais fecundos tenham coincidido com aqueles em que o Brasil viveu e respirou os ares da democracia.

Subsídios governamentais obtidos para auxiliar na realização de um ou outro evento, jamais implicaram na perda da independência que caracterizou sempre suas reuniões, assembléias, congressos e encontros. Pelo contrário, a trajetória desta associação sempre foi pautada pelo inconformismo e luta contra a situação vigente, notadamente nos momentos mais difíceis da vida nacional. Um dos episódios mais brilhantes dessa luta, sem dúvida foi o Simpósio sobre Colonização, realizado durante o 1º Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Presidente Prudente SP (1972) que concluiu pela inadequação da política de colonização colocada em prática naquele período (construção da Transamazônica, criação de agrovilas, migração de nordestinos do semi-árido para a Amazônia sem maiores cuidados de adaptação. O tempo decorrido demonstrou a importância e acerto daquelas críticas audaciosamente levantadas num dos momentos mais sofridos da vida brasileira. Claro que houve desdobramentos desagradáveis e o coordenador do Encontro (o autor deste artigo) teve que dar minuciosas informações, inclusive sobre a presença de geógrafos estrangeiros, num longo interrogatório realizado numa dependência da Faculdade de Filosofia onde se realizara o Encontro, por pessoas ligadas à autoridade federal e que se deslocaram de S. Paulo. Episódios como este contradizem o pensamento de geógrafos, dentro da própria AGB, que vêem a associação como sendo mera reprodutora da chamada geografia oficial.

Neste momento vale a pena algumas informações sobre este primeiro encontro lembrando que, até 1969, a AGB realizava Assembléias anuais. Essas assembléias tiveram início em 1945 quando ocorreu uma reforma dos estatutos que criou o Conselho Diretor, as Seções Regionais - de início em S. Paulo e Rio de Janeiro - e passou a distinguir os associados como sócio efetivo (geógrafo militante) e sócios cooperadores. Nesse ano de 1945 existiam na AGB 20 sócios efetivos e, entre estes, escolhiam-se os dirigentes. Criou-se também a categoria de sócio honorário que contemplava aquela pessoa considerada grande benemérita da associação ou da Geografia, por proposta de pelo menos cinco sócios efetivos. Sócio efetivo era condição limitada às pessoas que tivessem publicado trabalho original de comprovado valor em qualquer ramo da Geografia.. Em 1954, às vésperas do 1º Congresso Brasileiro de Geógrafos a AGB contava com sete sócios honorários e 51 sócios efetivos, sendo que 42 residiam em S. Paulo ou Rio de Janeiro.

Parêntese -Todos os agebeanos que ocuparam cargos ou alguma função que demandasse recursos, seja para a realização de eventos, seja para publicações e mesmo deslocamentos, viagens, sabem das dificuldades em se conseguir verbas, dinheiro. Ou porque muitos sócios não pagam suas anuidades, ou porque é difícil conseguir apoio e, por isso a AGB sempre foi muito pobre, Mas é interessante e é colocado aqui a título de curiosidade, o parágrafo único do artigo 20 do Regulamento e Regimento Interno do Primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos: "Na hipótese de se verificar, no término de seu mandato, a existência de saldo em dinheiro, decorrente de doações ou auxílio financeiros, deverá a Comissão Organizadora Local destiná-lo a associações de fins culturais com sede na cidade de Ribeirão Preto, escolhidas pelo voto da maioria de seus membros" Sem comentários, fecha o parêntese.

As assembléias eram realizadas em cidades do país de áreas que ofereciam maior interesse geográfico No dizer de Aroldo de Azevedo: " A AGB não pertence a nenhuma cidade e a nenhum estado; pertence a esse grande continente, que é o Brasil. Somos os peregrinos da Boa Nova - a Geografia moderna; e, nesse nomadismo cultural, armamos nossa barraca onde melhor nos pareça tendo em vista o interesse da pesquisa " O trabalho nas assembléias era basicamente pesquisa de campo e envolvia equipes encarregadas de estudar variados aspectos da geografia local e regional. Pela natureza dos trabalhos a assembléia comportava limitado número de participantes e acabaram por se tornarem fechadas e restritas.

O crescimento da AGB e a necessidade de reformas dos estatutos vigentes desde 1945. A reforma de 1970.

O grande crescimento da AGB indicava que precisaria haver alguma mudança que evitasse esse gargalo que acabaria por provocar o estrangulamento da associação. Nessa altura já era grande a insatisfação dos associados quanto ao acesso à direção da AGB, restrita aos sócios efetivos. Já era grande o número de licenciados e mesmo de professores no magistério superior e que teriam condições para se tornarem sócios titulares e até a participação mais efetiva na direção da associação Decidiu-se então realizar a reforma dos estatutos o que aconteceu em 1970 O novo Estatuto estabeleceu que a cada dois anos além da Assembléia Geral de caráter administrativo haveria um encontro de caráter cultural. Sob o aspecto político-administrativo não houve mudança significativa embora houvesse defensores de uma certa abertura. Dois receios permaneciam: o medo de que a AGB pudesse cair em mãos não tão afinadas com a Geografia e tornasse a associação um braço cultural de um partido político desvirtuando os ideais vigentes desde a sua fundação.

Outro receio dizia respeito à situação política do País. Pouca gente sabe, sobretudo os mais jovens, que toda associação cultural, científica, as universidades e até entidades esportivas viviam sob discreta mas constante vigilância das forças de segurança. Alvo especial eram as faculdades de filosofia, sobretudo onde havia cursos nas áreas humanas. Exagerando um pouco mas com base em casos concretos: quase que por definição todos os professores e mesmo alunos dessas áreas eram ou se tornariam comunistas e, portanto, inimigos do regime e da pátria! O pessoal mais antigo e conservador tinha receio de atrair mais atenção da segurança e até que poderia haver alguma intervenção na AGB. O interrogatório a que foi submetido o coordenador do Encontro, dito linhas acima, parece confirmar os receios de uma mudança mais liberal nos estatutos naquele momento Um episódio ocorrido na Faculdade de Presidente Prudente alguns anos depois mostra como funcionavam as coisas na época da ditadura. Quando Milton Santos retornou ao Brasil a Faculdade queria contratá-lo. Havia verba para isso. Foi organizado o processo de contratação que simplesmente desapareceu. Voltou a faculdade com novo processo. Não houve negativa mas também o processo não andou e Milton Santos não foi contratado malgrado todos os esforços do então diretor Professor Alvanir de Figueiredo. Mais tarde, num momento talvez mais favorável e de maior compreensão e ousadia da direção da universidade ele foi contratado pela Universidade de S. Paulo. Retornando ao tempo da reforma estatutária de 1970 Ficou decidido que o primeiro encontro seria realizado em 1972 Esta data foi escolhida por ser 1972 um ano histórico: a celebração dos 150 anos da proclamação da independência do Brasil. Assim a AGB contribuiria de maneira condigna para o maior brilho das festividades programadas. A escolha do tema central do encontro, Colonização no Brasil deveu-se à grande preocupação do momento: a ocupação dos imensos espaços vazios do interior.

A organização do encontro previa que deveria haver algumas excursões para áreas que já estivessem ocupadas ou em fase de ocupação. A atenção dos membros que discutiram os termos da reforma e a escolha do tema central estava voltada para o sudoeste de S. Paulo, norte do Paraná e sul de Mato Grosso. E aí surge a sugestão da escolha de Presidente Prudente como sede do primeiro encontro graças à sua inserção numa área de colonização mais antiga, sua posição intermediária entre as duas outras e a existência de um forte grupo de agebeanos no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, um instituto oficial do governo do Estado de S. Paulo. Feita a consulta, o departamento, com anuência da direção da faculdade, aceitou a incumbência, inclusive de preparar o guia dessas excursões. A coordenação geral do encontro coube ao autor deste artigo. A partir de setembro de 1971 teve início intensa movimentação e correspondência dando-se ciência a centenas de entidades, ainda que remotamente ligadas à Geografia ou ao tema central do encontro, inclusive governadores de estado. Mas pairavam dúvidas: qual seria a aceitação dos convites? Qual a credibilidade dos agebeanos ou não agebeanos na organização do encontro? Afinal, Presidente Prudente, distante quase 600 quilômetros da capital, com pouco mais de 90 000 habitantes teria condições de alojar os participantes se estes fossem em grande número? Mas, mesmo com todas as dúvidas o pessoal atirou-se ao trabalho. Na produção dos guias das excursões, além do pessoal do departamento a AGB conseguiu o apoio do IBGE e de dois geógrafos experientes que se incumbiram de realizar o guia referente ao norte do Paraná. Muitas viagens foram realizadas para a pesquisa de campo, atualização de dados, realização de entrevistas, atualização de dados, produção de fotografias. No caso das atividades referentes ao oeste de S. Paulo e sul de Mato Grosso foi muito importante contar com a estrutura da faculdade que colocou todos os seus meios disponíveis à disposição dos pesquisadores inclusive veículos, motoristas, desenhista, datilógrafos e outros funcionários.

O guia com 256 páginas, ilustrado-- mapas, gráficos e fotografias-- ficou pronto às vésperas do início do Encontro. A gráfica que o imprimiu foi a da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP graças à gentileza de seu diretor, o agebeano Eurípedes Simões de Paula que também compareceu ao encontro e presidiu sessões plenárias do Simpósio. Parte da verba destinada à organização, pesquisas e publicação do guia foi conseguida com a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo) Interessante que foram produzidos 500 exemplares número muito maior do que o de pessoas que se estimava viriam ao Encontro. Pretendia-se enviar as sobras para as universidades e outras entidades que foram convidadas e que, certamente não viriam da mesma forma como os anais resultados do Encontro.

Até às vésperas do início do Encontro a secretaria havia recebido cerca de 300 inscrições com reservas de hotel e preparação de alojamento para estudantes. Já era número superior ao esperado. A coordenação havia conseguido pouco mais de 300 pastas alusivas ao Encontro, alguns brindes oferecidos por diversas empresas. Parecia que tudo iria dar certo. Entretanto no dia 1º, de julho, data do início do evento a secretaria foi surpreendida com verdadeira enxurrada de pessoas querendo se inscrever. Não havia mais pastas, e nem papel timbrado para as inscrições. Foi preciso improvisar. As reclamações geraram verdadeiro tumulto. Foi um corre-corre infernal. Alguns membros mais antigos da AGB achavam que não se deveria mais receber inscrições porque o pessoal tivera tempo de sobra para realizar suas inscrições antes do início. A coordenação e mesmo o presidente da executiva nacional, Professor José Ribeiro de Araújo Filho não concordaram e achavam que se poderia, com paciência, ajeitar a situação. Por sorte o pessoal do departamento e os alunos que se dispuseram a trabalhar no Encontro decidiram enfrentar a situação e atender a todos embora precariamente. Muita gente foi alojada nas casas dos professores, de alunos e até de pessoas da cidade que nada tinham a ver com a coisa. Por mal dos pecados uma grande frente fria atinge a cidade no dia 3. E agora? Não havia cobertores. Este coordenador fez um apelo à população por meio do rádio e dezenas de cobertores foram cedidos. Inclusive na casa do coordenador os alunos ali alojados tiveram que se valer de jornais para se aquecerem pois não havia cobertores em número suficiente. Em particular, os participantes nordestinos foram os que mais sofreram. Quase ninguém estava preparado para enfrentar temperaturas tão baixas, Na madrugada de 2 para 3 os termômetros chegaram a marcar 4 graus. Aliás, essa temperatura foi colocada no folder como a mínima absoluta, mas,

é claro, pouca gente se preocupou mesmo porque a fama que corre ainda hoje é de que P. Prudente é uma cidade onde o calor é sempre muito alto. No final o número de inscritos atingiu 616 pessoas mais 62 pessoas aderiram ao Encontro mas não puderam comparecer e outras 26 se inscreveram apenas para receber os anais. Inclusive foi preciso providenciar nova tiragem do livro-guia mesmo porque a direção da AGB havia decidido que todos os inscritos o recebessem. A distribuição foi feita no começo do ano seguinte junto com os anais. Também estes anais saíram – como se diz na gíria—na marra e mais uma vez os préstimos do Professor Eurípedes foram decisivos. O coordenador do Encontro foi eleito Coordenador de Publicações da AGB e teve de conseguir os textos, alguns foram feitos depois do Encontro e enviados a P. Prudente pelo correio. O Coordenador de Publicações teve de reformular alguns textos rasurados durante o Encontro, cheios de anotações resultados dos debates, refazer algumas figuras e por fim ficar de plantão na gráfica em S. Paulo para revisão final. Parece que foi a primeira vez que os anais foram publicados poucos meses após a realização do respectivo evento.

Tudo correu bem: o evento foi um sucesso apesar dos percalços superando as expectativas mais otimistas. As excursões contaram com elevado número de participantes, inclusive aquela visando o sul de Mato Grosso, numa viagem de 1 400 quilômetros contou com três ônibus. Foi realizada também uma exposição geo-cartográfica com a participação de 19 entidades, inclusive uma do exterior (Suíça). O Serviço Geográfico do Exército organizou sua exposição de modo a mostrar, fase por fase, a produção de uma carta topográfica. Foi enorme o sucesso dessa exposição e durante os seis dias de duração centenas de pessoas, inclusive estudantes do ensino médio e professores da rede de ensino fundamental visitaram-na. Muitos compa-receram várias vezes e crivaram os expositores com perguntas demonstrando interesse em conhecer mais. Também a Feira do Livro teve grande êxito e muitos exemplares de livros, esgotado o estoque, foram encomendados nas editoras. Um assunto que interessou muita gente foi o andamento do projeto sobre a profissão de geógrafo e dois deputados federais presentes no encontro procuraram dar explicações e houve até distribuição de cópias do projeto e promessa de maior empenho no andamento do projeto no Congresso Nacional. O Simpósio "Perspectiva da Colonização no Brasil" foi realizado no domingo dia 2, nos três períodos, no salão de festas da Associação Prudentina de Esportes Atlético, gentilmente cedido. Na parte da manhã o livro de registro das pessoas presentes contava com 833 assinaturas e respectivas identificações. Neste mesmo local na terça-feira à noite aconteceu uma programação social seguido de coquetel oferecido pela Prefeitura Municipal, e ao final grande baile de confraternização.

O pessoal da casa inexperiente, amador em casos como esse, recebeu muitos elogios mas alguns fatos – pode-se dizer, dos bastidores – e que pouca gente ficou sabendo e que pela primeira vez este autor escreve sobre eles, talvez no local inadequado mas que vale a pena relatar para mostrar que nem tudo são flores. Muitos cheques recebidos para inscrição foram devolvidos por falta de fundos, vários colchonetes foram rasgados, inutilizados, cobertores gentilmente cedidos naquele momento de grande frio foram levados. O caso mais grave: um cidadão da cidade viajando no mês de julho emprestou sua casa para alojar algumas pessoas; Alguns utensílios desapareceram, um vaso sanitário foi quebrado, parte de um tapete, queimado. Tudo isto custou caro e ficou por conta do coordenador, além da vergonha. Diga-se que houve muita ingenuidade e amorismo por parte do pessoal da casa pois na correria não houve o cuidado de relacionar as pessoas com seus lugares de alojamento.

Apesar do êxito do Encontro este autor tinha o propósito de não entrar mais em situações "frias". Mal sabia que "fria" maior lhe estava reservada para 1978. Mas esta já é outra história.

Há um registro especial a ser feito neste relato: a atuação dos alunos que se dispuseram a trabalhar, graciosamente, no Encontro: 16 moças e um rapaz que por trabalharem com o Marcos passaram a ser chamadas, carinhosamente, de Marquetes. Todos, elegantemente uniformizados desdobraram-se, sobretudo nos momentos mais complicados do Encontro. Trataram da correspondência, recepção dos participantes, encaminhamento para os hotéis, acerto de acomodações, inclusive hospedando alguns participantes considerando que os hotéis estavam lotados, e outras atitudes inerentes a eventos dessa natureza, com muita paciência e atenção. A boa atuação dessas pessoas foi decisiva para a organização e o êxito do evento.

O que deve ficar na lembrança é que o Encontro foi um grande sucesso, representou um marco muito importante na trajetória da AGB que saiu fortalecida pois foi grande o entusiasmo e maciça a participação dos geógrafos, inclusive de alguns há muito tempo afastados, estudantes, representando praticamente todos os estados da federação e mesmo de outros países. O nível dos trabalhos apresentados foi considerado excelente inclusive pelo Professor Pierre Monbeig, presente no Encontro do qual ele foi aclamado Presidente de Honra

C.A. de Figueiredo Monteiro, na obra já citada, realça que o Encontro foi marcado pela querela "quantitativistas" e "tradicionais". De fato, era o início do debate em termos contestatórios que vai se prolongar e se tornar mais esclarecedor nos encontros seguintes. Na verdade era parte das grandes mudanças e a busca de novos caminhos, sobretudo metodológicos que agitavam a Geografia e provocavam maior reflexão sobre a teoria geográfica, e intensificação dos estudos desta ciência. Era a busca de afirmações. O embate de idéias, o acaloramento das discussões, por vezes até um tanto ríspidas, podia assustar os novos geógrafos e estudantes. Mas isto era extremamente importante como demonstração de vigor e da profundidade das pesquisas e estudos que serviam, e servem para valorizar a AGB ao tempo em que valoriza a própria Geografia, e, por extensão, os geógrafos, sobretudo os mais jovens, que continuarão na luta para o aprimoramento da ciência geográfica. Não é fácil esta corrida de revezamento porque ela se faz num aclave, por vezes com obstáculos de difícil transposição. Mas é aqui que os valores dos "atletas" (geógrafos) são realçados e o torneio (AGB) valorizado. É assim e tem de ser assim, sempre!

O Coordenador de Publicações, responsável pelos Anais do Encontro ao realizar a apresentação desses anais volume XVIII conclui: "Que os próximos Encontros confirmem o êxito alcançado pelo primeiro para que a Associação dos Geógrafos Brasileiros possa continuar no caminho que se propôs de promover o desenvolvimento da Geografia no Brasil, são nossos mais sinceros votos".

Mais de 30 anos passados muita coisa mudou, "novas geografias" estão se fazendo mas é possível afirmar que a AGB continua no caminho, na perseguição dos antigos ideais não apenas acompanhando o que se faz pelo mundo afora mas também e especialmente, promovendo mudanças. Monteiro, C. A. F. acreditava, em 1977 que não existia uma Geografia Brasileira mas sim uma ciência geográfica universal e que a "brasilidade" estaria para ser encontrada ao nível da comunidade de praticantes da investigação geográfica. (obra citada p 36) Em face dos notáveis avanços que a investigação geográfica alcançou entre nós que vamos abandonando a ideologia colonialista, copista de modelos externos e procurando elaborar nossos próprios princípios teóricos e ideológicos em face do avanço do pensamento geográfico no Brasil e do Brasil, como demonstrado nos últimos encontros e congressos da AGB, tudo indica que já é possível se falar que a "brasilidade" foi encontrada e os padrões universais se confundem com a Geografia Brasileira.

O terceiro Encontro Nacional de Geógrafos - 1978

Este terceiro encontro, realizado em Fortaleza representa, também, um marco histórico, assim como o encontro realizado em Presidente Prudente Este, por ser o primeiro, e que substituiu as antigas assembleias de caráter restrito, como fora decidido na reforma estatutária de 1970, foi marcado pela abertura da AGB para a presença maciça dos sócios e não sócios da associação. Já o terceiro será sempre lembrado pela decisão de abertura política institucional em reforma que seria realizada, como foi, em 1979. A reforma realizada nesse momento já se delineara em 1970. Mas naquela altura a resistência era maior e os adeptos da abertura, ainda em número relativamente pequeno, não tiveram força suficiente e nem organização como aconteceu em 1978 e o período de gestação a partir do primeiro encontro foi bem aproveitado, sobretudo no convencimento de sócios titulares da necessidade da abertura democrática inclusive considerando a movimentação da sociedade no sentido da volta da redemocratização do Brasil. Nas universidades como USP, por exemplo, havia forte movimentação pela reintegração de professores demitidos ou aposentados compulsoriamente e pela democratização da sociedade e da universidade, A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) falava abertamente que o governo estaria empenhado em promover a normalização democrática do país que voltaria ao Estado de Direito e concederia anistia; milhares de pessoas reunem-se em frente à Faculdade de Direito da USP em ato público a favor da anistia

ampla e irrestrita. No Senado amplia-se, cada vez mais, a Frente Nacional pela Redemocratização do País. Nas reuniões da SBPC a movimentação é grande a favor da anistia e a volta ao Estado de Direito. Criava-se, portanto, no país, o clima favorável à volta da democracia e da liberdade embora ainda fosse forte a repressão. Caberia a todos os verdadeiros democratas, dar a sua contribuição. Nos debates que se seguiram no 3º, encontro, vários sócios argumentaram que a AGB não era uma entidade anti-democrática porque todos os associados, sem distinção, podiam apresentar seus trabalhos, participar dos debates, ou seja exatamente na linha dos objetivos maiores da associação. A própria eleição do presidente era democrática pois contavam-se no colégio eleitoral com representantes das seções regionais, a exemplo do que se fazia em vários países democráticos do mundo, embora na AGB, se devesse reservar os cargos de direção para aqueles que constituíam a linha de frente da Geografia no Brasil, sobretudo tendo em vista os ideais que nortearam a criação da associação. Não deixavam de ter certa razão nessa argumentação que, de fato, foi válida nos anos iniciais da AGB. Mas agora, com o gigantesco crescimento da associação, que já conta com massa crítica altamente responsável e consciente da necessidade de manter firme a luta pelos ideais da AGB, a difusão ampla do conhecimento geográfico com todas as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo e a pluralidade ideológica, complemento natural da ciência e da sociedade, enfim a luta pela liberdade que a sociedade brasileira tanto busca, tudo estava apontando, em 1978, pela necessidade da realização de mudanças que afirmassem democratização (liberdade) completa, geral, irrestrita, igualitária tanto em termos científicos, culturais como políticos assegurando direitos e deveres com caracteres plenos de responsabilidade

Argumentavam, ainda, os adeptos das mudanças que, numa sociedade de classes como a nossa, embora muitos neguem essa realidade, as relações humanas são também relações políticas. E a AGB vinha cerceando a prática do questionamento político esquecendo-se que a associação depende do trabalho de todos e não apenas daqueles poucos que continuam lutando para manter o enfeudamento e o controle da conjuntura política mascarada como defesa da ciência geográfica. Findos os acalorados debates a Assembléia Geral Ordinária decidiu-se pela reforma dos estatutos então vigentes, traçando alguns aspectos básicos que norteariam essa reforma: Que fosse democrática, ampliando os objetivos da associação como entidade cultural e científica; que envidasse todos os esforços com vistas ao desenvolvimento científico da Geografia; que estabelecesse condições para que a AGB refletisse o pensamento dos geógrafos em geral.

Nesse 3º, encontro, o autor deste pequeno relato, foi eleito presidente da AGB e assumiu o compromisso de encaminhar o processo da reforma. Vale dizer que, em nenhum momento ele havia pensado em fazer parte do Conselho no cargo mais alto, inclusive, fizera uma espécie de juramento; não aceitar mais nenhuma incumbência desse tipo mesmo porque a associação crescera tanto que contava com quadros muito mais capazes. Mas, enfim, as coisas acontecem e de tal forma são colocadas que torna praticamente impossível a recusa e assim aconteceu em 1978.

Importa salientar que, em geral, nas assembleias para eleição dos novos membros do Conselho Diretor não havia formação de chapas mas sim entendimentos, apontamentos de possíveis candidatos, suas disponibilidades e pensava-se muito em rodízios entre as seções regionais. Não raro, como se diz popularmente, os candidatos eram "apanhados a laço" e havia muita conversa e argumentação para o convencimento à aceitação o que nem sempre se conseguia. Aconteceu em 1978. Um nome aparecia quase por unanimidade como ideal para as circunstâncias do momento: Caio Prado Júnior para ocupar a presidência do Conselho. Mas ele recusou-se a aceitar. Nem os apelos de grandes e velhos amigos conseguiram convence-lo.. Em face da recusa era necessário pensar em outra alternativa que acabou recaindo neste surpreso autor que passou a ser apoiado pelo próprio Caio Prado e até o professor Armen Mamigonian—uma das vozes mais atuantes nos embates pela reforma -- tornou-se cabo eleitoral desta candidatura que, desta forma, não tinha alternativa senão a aceitação, certo de que, como já se disse linhas atrás, era uma tremenda "fria". Mas era também um desafio.

Além da questão da reforma outros assuntos incomodavam: o projeto que regulamentava a profissão de geógrafo e que se arrastava no Congresso Nacional a despeito dos enormes esforços, em especial, do Conselho Diretor, que agora terminava seu mandato, presidido pelo Professor José Cezar de Magalhães Filho. Um substitutivo do Senado ao projeto da Câmara estava dificultando a tramitação e aprovação do projeto. Seria necessário agir para evitar a rejeição do projeto que há onze anos tramitava no Congresso. Esta teria de ser tarefa urgente e imediata do

novo Conselho; a questão do currículo mínimo para a formação do bacharel. Muitas faculdades formavam somente o licenciado que não estava contemplado no projeto e que contava com a oposição dos CREAS. Ao mesmo tempo havia certa movimentação de algumas faculdades e mesmo no Conselho Federal de Educação no sentido de transformar a Geografia e História em meras habilitações do famigerado Estudos Sociais; o terceiro item diz respeito a recolocação da Geografia no lugar que ela vinha ocupando no primeiro e segundo graus com carga horária compatível com a formação verdadeiramente científica-geográfica do estudante desses níveis tão descurados nos últimos tempos.

Eram, portanto, várias frentes de trabalho lembrando que, ao lado disto havia as aulas na faculdade, pesquisas em andamento e, para completar o quadro: o presidente da AGB era também vice-diretor da sua faculdade em Presidente Prudente e que, para variar, também estava carregada de problemas muitos dos quais advindos com sua recente incorporação à UNESP - Universidade Estadual Paulista - recentemente criada. Mas, enfim, compromisso assumido em meio a verdadeira crise na e da Geografia, da AGB sobretudo, valendo a pena parodiar Gonçalves, C.W.P. que apresentou no 3º encontro o artigo: *A Geografia está em crise. Viva a Geografia! A AGB está em crise. Viva a AGB!*

Pequeno resumo das atividades do Presidente; contando com a colaboração da faculdade enviou centenas de cartas e ofícios a entidades ligadas à Geografia, professores da rede de ensino, alunos e ex-alunos enfatizando a necessidade de pressionar deputados conhecidos, representantes de suas regiões no sentido da rejeição do substitutivo do Senado e aprovação do Projeto que tramitava na Câmara. Inclusive o presidente falou ao telefone com uma dezena de deputados valendo-se dos telefones da faculdade e, no período noturno da sua própria residência. O contato com o líder do governo Deputado Nelson Marchezan no Rio Grande do Sul durou mais de uma hora mas ele convenceu-se da importância do projeto e prometeu encaminhá-lo com o apoio do governo. O deputado Freitas Nobre líder do MDB já havia se manifestado a favor e iria trabalhar a bancada no sentido da aprovação. Valeu o esforço e, segundo notícias de bastidores, influenciou bastante a atuação do General Golbery do Couto e Silva junto ao Presidente da República no sentido de aprovar a lei que recebeu o número 6 664 e aprovada em 26 de junho de 1979. Foi uma grande vitória da AGB que ficaria mais forte e há de se prestar homenagem a todos aqueles que batalharam durante anos pela regulamentação da profissão de geógrafo. Pelo que se sabe nenhum deles tirou qualquer proveito dessa vitória que ficou mesmo como incentivo para as novas gerações que estavam surgindo.

Ao mesmo tempo, e sempre que possível, o presidente visitava algumas seções regionais tratando destes assuntos e enfatizando a necessidade de estudos e debates para a busca de subsídios de interesse da reforma. Pensava o presidente na realização de um seminário para o início de 1979 quando se discutiriam as bases gerais do novo estatuto. Muita correspondência e telefonemas alertando para o fato. A Secretária Executiva, Yara Marinho da Costa desdobrara-se nestas atividades. No Nordeste o Vice-Presidente, Manuel Correia de Andrade fazia esforços no sentido de incentivar os agebeanos da região. Entretanto, para surpresa do presidente parecia que ninguém, ou poucas eram as pessoas interessadas. Dava a impressão que toda a animação que houvera no Encontro havia se arrefecido. Não foi possível a realização do seminário e por isso marcou-se a Assembléia que seria realizada em S. Paulo em julho do ano seguinte.

A reforma do estatuto de 1979

A Assembléia que ficou conhecida como Assembléia Estatuínte como era de se esperar atraiu grande número de associados. Mas aí, outra surpresa: Apenas duas seções regionais apresentaram propostas de estatuto e a discussão acabou girando em torno de uma delas (proposta de Presidente Prudente)

Para essa assembléia o Conselho Diretor decidiu que sua missão na promoção da reforma estava terminada. Seus membros deveriam atuar como geógrafos, agebeanos nos debates que se seguiriam. Abertos os trabalhos o presidente sugeriu a criação imediata de um Conselho provisório para dirigir os trabalhos da assembléia o que foi feito de imediato.

As discussões e debates foram acalorados, e, por vezes, turbulentos como era de se esperar, sobretudo pela maciça presença dos entusiastas estudantes vindos de muitas partes do Brasil embora fosse grande o predomínio do pessoal da USP. A grande maioria estava sequiosa pelo

debate democrático e queria dar a demonstração de que a democracia era possível num país ainda dominado pela ditadura e queria que a AGB se transformasse num modelo para o Brasil.

A mudança estatutária foi grande contribuição para a Geografia e para a própria AGB que agora se tornava uma entidade completa: aliava-se a ciência e a cultura com a política evidenciada nos debates já que as relações humanas na sociedade são também relações políticas e ideológicas. A democracia irrestrita se instala e iguala todos os associados. Dali para frente, qualquer associado poderia votar e ser votado e tornar-se dirigente. Era uma grande vitória mas que impunha novos deveres e maior responsabilidade. O futuro era uma incógnita mas eram fundadas as esperanças de uma AGB mais forte e mais representativa da sociedade, em constante reconstrução.

O ano de 1979 ficará para sempre, na história da AGB, lembrado como marco decisivo de transformação e de sua inserção, de fato, na sociedade brasileira e se acelera o movimento em torna daquela que foi chamada de "renovação crítica" e a preocupação com a construção de uma nova Geografia.

Há, todavia a lamentar o tumulto do processo, absolutamente desnecessário embora possa até ser compreensível dado a ansiedade e tensão das mudanças tão significativas e há muito tempo esperadas. Havia gente, membro da associação contrária às mudanças. Tinha suas razões que, no processo democrático, devem ser respeitadas e convencidas pelas argumentações nos debates. Muitos dos que divergiam das mudanças eram autores de importantes trabalhos que ajudaram a AGB a chegar ao ponto de ser considerada das mais atuantes entidades científicas do país e da América Latina. As mudanças eram necessárias mas poderiam ser realizadas em termos mais cordiais e respeitosos. Os elementos favoráveis ou contrários, poderiam ser adversários mas não inimigos. Este autor ouviu, várias vezes, gente bem mais jovem dirigindo-se a associado mais idoso até com palavras de baixo calão o que é absolutamente inaceitável sobretudo, dentro de uma entidade que, pelo menos pretensamente, é de alto nível cultural e científico. As coisas andaram de tal modo que muitos agebeanos atuantes, mesmo favoráveis à reforma, abandonaram a associação. Este autor, francamente favorável às mudanças e trabalhou bastante por elas, também foi várias vezes ofendido. Em face da situação que se fazia muito tensa, o Presidente do Conselho sugeriu aos demais membros a renúncia coletiva, considerando que a missão desse conselho estava concluída. Lembra-se este autor, das palavras que pronunciou: "Vamos sair enquanto podemos ser aplaudidos. Se demormos mais poderemos ser apedrejados" Alguns resistiram e acharam que seria covardia mas ao final concordaram e, de fato, a renúncia foi aclamada pelo plenário. Foi também um alívio e, ao mesmo tempo a certeza do dever cumprido. Com todos os percalços e até injustiças, guarda este autor boas recordações e considera, sem falsa modéstia, que sua atuação foi importante para o engrandecimento da AGB da mesma forma que a AGB foi e continua sendo importante para ele. Acredita, também que estas considerações são válidas para todos os membros daquele Conselho Diretor.

O autor e sua passagem pela AGB

Este autor tomou conhecimento da existência da AGB há exatos 50 anos quando de sua entrada no curso Geografia e Historia, curso noturno na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo e que, naquele momento funcionava na rua Maria Antonia na cidade de S. Paulo e que ficaria famosa exatamente por causa dessa faculdade e acontecimentos políticos ali ocorridos.

No correr do curso várias palestras proferidas por membros da AGB foram oferecidas aos alunos como reforço para a sua formação ao tempo que a Seção Regional de S. Paulo procurava atrair mais membros e gente nova para a associação. Já em 1954, duas palestras foram importantes porque deu a oportunidade de conhecer pessoalmente o grande Pierre Monbeig. Realmente um homem simpático e comunicativo que logo cativou os alunos. Davam-se notícias também sobre o andamento dos trabalhos que 28 geógrafos, membros da AGB, desenvolviam sobre a área da Bacia Paraná-Uruguai por força de um convênio assinado entre a AGB e a Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai e que enchiam os alunos de entusiasmo e admiração. O primeiro evento que o autor pretendia participar foi o 1º, Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado em Ribeirão Preto tal a curiosidade em conhecer outros figurões da AGB. Não foi possível porque, no mesmo período, iria acontecer um evento do Departamento de Estradas de Rodagem onde o autor trabalhava e para o qual fora escalado.

Em 1956 ocorreu um fato inesperado: convite do Professor Aroldo de Azevedo para, em conjunto com outros dois alunos, desenvolver pesquisa sobre os subúrbios orientais da cidade de S. Paulo para a obra que estava em construção sob os auspícios da AGB sobre a cidade de S. Paulo em comemoração ao seu quarto centenário. Essa obra foi publicada em 1958 (quatro volumes) e recebeu o prêmio Jaboti outorgado pela Câmara Brasileira do Livro como o melhor ensaio publicado no ano. Este fato encheu este autor de orgulho. Caramba, pensava; seu nome aparecer, pequenino é verdade, ao lado dos maiores expoentes da Geografia de S. Paulo e do Brasil. Era a glória e o início de uma participação mais ou menos regular em assembleias e congressos, sobretudo após seu ingresso no magistério superior trabalhando em Sorocaba, na PUC de Campinas e de S. Paulo e, por fim em Presidente Prudente. O primeiro evento significativo de que este autor participou foi o II Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado no Rio de Janeiro em julho de 1965 quando teve a oportunidade de apresentar trabalho sobre Rosana no Pontal do Paranapanema no sudoeste do estado de S. Paulo, em colaboração com outros colegas do departamento. Foi a primeira notícia que se deu ao país sobre essa região que hoje figura no noticiário dos jornais em face da movimentação do MST em prol de uma reforma agrária mais justa. Vale realçar que a atuação deste autor, como pesquisador, é pouco significativa porque, embora sendo geógrafo, dedicou grande parte de seu tempo à Cartografia e, portanto, também à Sociedade Brasileira de Cartografia (SBC) e, por mal dos pecados, às atividades administrativas. (Coordenador ou chefe de departamentos, vice-diretor e diretor da faculdade) Há uma espécie de consenso de que quem faz muita coisa, sobretudo em áreas diferentes, tende a fazer tudo mal feito. É possível mas, no caso deste autor, pode-se afirmar que tudo o que ele fez acertando ou errando foi com dedicação e entusiasmo, que apesar da idade, conserva até hoje.

Breve relato sobre os primeiros tempos da AGB

Quando a AGB completa seus 70 bem vividos anos, acredita este autor que vale a pena rememorar alguns aspectos significativos que marcaram a vida da associação, sobretudo em tempos pretéritos, possivelmente desconhecidos da maioria dos associados vez que, a AGB hoje, conta em seus quadros, com maciça presença de pessoal bem jovem e que pode encontrar dificuldade ao acesso a obras que relatam os vários momentos, as lutas os percalços e dificuldades mas também os bons momentos de sua trajetória, inclusive alguns pitorescos. Delicioso e apaixonado relato faz a proeminente e batalhadora geógrafa Nice Lecocq Müller quando aprecia os primeiros 25 anos da AGB publicado em jornal de Londrina e transcrito no Boletim Paulista de Geografia número 38 de 1961 e que ela divide em 10 itens muito sugestivos e que este autor procurará resumir mas indicando a leitura desse trabalho pois vale a pena.

I - Assim nasceu a AGB

Fala da chegada do geógrafo francês Pierre Deffontaines contratado para dar aulas na recém-criada Universidade de S. Paulo em 1934. Com o apoio de alguns dos notáveis cidadãos, expoentes da cultura paulista como o geólogo Moraes Rego, o historiador Rubens Borba, o médico Paula Souza e Caio Prado Júnior, economista, historiador e sociólogo, e mais alguns nomes ilustres, fundou em S. Paulo, a Associação dos Geógrafos Brasileiros em 7 de setembro desse ano. Notar que a AGB, uma associação para congregar geógrafos brasileiros, nasceu pelas mãos de um único geógrafo e ainda estrangeiro.

As reuniões da novel associação se realizavam na residência de seu fundador e, aos poucos vão aparecendo novos interessados, sobretudo os alunos do curso de Geografia e História. Após Deffontaines é outro francês, Pierre Monbeig quem se encarrega de levar avante a pequenina AGB. Entre os primeiros geógrafos-historiadores, formados pela Faculdade de Filosofia, estão João Dias da Silveira, Aroldo de Azevedo, Eurípedes Simões de Paula que darão continuidade, junto com Monbeig e os sócios fundadores que, mesmo não sendo geógrafos, mostram-se entusiasmados e interessados pela Geografia que se estava fazendo. Foram anos difíceis e que a autora chama de a fase heróica

II - A fase heróica

Graças ao contagiante entusiasmo de Monbeig e seus seguidores a AGB conseguiu atravessar seus anos mais difíceis. "Dentro do ambiente de sadia cordialidade, sem formalismos nem preocupações acadêmicas, a Associação contou com a assistência constante de seus poucos membros, mantendo inalterável a periodicidade de suas reuniões que, por não contar com sede própria, itineravam por vários prédios da cidade de S. Paulo ... e finalmente a Faculdade de Filosofia onde a Associação acabou por encontrar abrigo, primeiro para as reuniões depois para uma modesta sede provisória" Um parêntese: Provisória até hoje e, segundo parece a este autor se não estiver enganado, e espera que esteja, a única seção que conta com sede própria é a seção de Presidente Prudente e, assim mesmo dentro do campus da universidade. Fecha o parêntese. A autora cita uma dezena de novos sócios e diz que merecem ser lembrados... "porque sustentaram a AGB com o seu apoio, sua colaboração e experiência, no meio da indiferença generalizada, da incompreensão da maioria, através de seus primeiros onze anos de existência, a "fase heróica" da vida da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

III - A crise de crescimento

A Associação dos Geógrafos Brasileiros saiu de sua infância para enfrentar o sempre delicado período da adolescência, passando, então por verdadeira "crise" de crescimento. Começa a haver maior interesse dos estudiosos da Geografia pelas reuniões da associação e toma corpo a idéia inicial dos fundadores da associação de que a AGB pudesse estender-se para outros centros de modo a difundir cada vez mais os estudos da moderna Geografia. Os primeiros interessados, fora de S. Paulo, são os cariocas sobretudo aqueles que trabalhavam no Conselho Nacional de Geografia e um grupo de geógrafos cariocas desejosos de participar da AGB reúne-se aos paulistas e, em conjunto, estudam uma forma de organizar uma rede nacional de centros de estudos geográficos: foi a reforma de 1945 que criou a figura das Seções Regionais. De início criaram-se duas a de S. Paulo e a do Rio de Janeiro. Com o objetivo de assegurar caráter científico às suas atividades foram estabelecidas duas categorias de associados; os cooperadores, pessoas interessadas pelos estudos geográficos e efetivos seriam os geógrafos militantes, especialistas na matéria e que seriam eleitos por seus pares e os únicos com direito a voto na associação. Parêntese: Com a melhor das intenções a AGB criou a dicotomia que iria marcar a vida da associação, por 25 anos; duas categorias de sócios nitidamente de primeira e de segunda categorias e origem das mais acaloradas discussões que, não raro, empanaram o brilho do debate científico., sobretudo a partir da realização do Primeiro Congresso de Geógrafos ocorrido em 1954 na cidade de Ribeirão Preto Fecha parêntese. De qualquer maneira a AGB ia adquirindo personalidade definindo-se em sua função nacional, criando forças para enfrentar a maturidade

IV - O início da maturidade

Agora se constituía, de fato como entidade nacional como preconizava seu fundador Pierre Deffontaines. O estatuto de 1945 estabeleceu que as reuniões culturais onde se apresentariam para discussões e debates, temas geográficos que seriam depois publicados nos respectivos boletins passaram a ser atribuição das Seções Regionais. Para manter a coesão e união das seções regionais criou-se a modalidade de assembléias, que seriam anuais, e realizadas em qualquer cidade do país onde se fariam trabalhos de campo quando eram organizadas equipes encarregadas de realizar a geografia local e regional e que depois seria divulgada nos anais da assembléia. Esta modalidade de trabalho era desconhecida da maioria das pessoas e até de muitos geógrafos e chamou a atenção ampliando-se considera-velmente o entusiasmo pela Geografia e novos sócios foram admitidos e a AGB já podia contar com várias centenas de associados, evidentemente que a grande maioria de cooperadores.

V - Aventuras e desventuras da AGB

A crônica da associação oferece muitos episódios pitorescos . Lembra-se a autora de citar, como exemplo, a assembléia inicial e que por ser a primeira foi marcada pelos percalços

do pioneirismo. e realizada em Lorena, pequena cidade do vale do Paraíba no estado de S. Paulo em janeiro de 1946 " O intuito era o estudo da região serrana em especial a Serra da Bocaina. "De Lorena, os excursionistas, de caminhão, atingiram São José do Barreiro, de onde, na madrugada do dia seguinte empreenderam a escalada da Serra da Bocaina a pé acompanhados por apenas três cavalos: teoricamente serviriam para descansar as vinte e tantas pessoas por revezamento; na prática acabaram por atender aos mais idosos ou menos treinados, os demais se resignando a seguir por seus próprios meios apenas com rápidos descansos à beira dos barrancos... Na primeira etapa, na subida, até Lageado, foram sete horas de caminhada, sofridas em silêncio como convêm ao bom agebeano.. Em Lageado esperava-os, para o pernoite, velho casarão de fazenda, inabitado e desmobiado...Armando-se de ânimo logo dividiram-se as tarefas e organizou-se a instalação do grupo. Aroldo de Azevedo(professor catedrático de Geografia do Brasil na USP), encarregou-se de varrer o grande salão marcando o lugar das "camas" no chão com folhas de jornal... João Dias da Silveira, catedrático de Geografia Física na Universidade de S. Paulo, recebeu, por unanimidade de votos, a cozinha; Muito expedito organizou o primeiro cardápio à base de conservas para poder contar com as latas como panelas; O professor Pierre Dansereau que depois viria a ser reitor da universidade de Montreal, no Canadá, à frente da equipe de geografia botânica, teve a seu cargo a localização de espécies vegetais de folhas largas que servissem de pratos. Pierre Monbeig, presidente da associação e professor de Geografia Humana na USP ..., ficou responsável pela delicada missão de manter o abastecimento de água, o que fez, percorrendo cansativa e ininterruptamente a trilha que levava ao regato com o auxílio de uma providencial chaleira velha. À noite todos se instalaram, enfrentando o frio com dois cobertores para cada três pessoas... Cedo teve início a segunda etapa, até o morro do Tira-Chapéu, nome sugestivo. A descida depois tendo sido feita sob chuva torrencial e patinando na lama. A essa altura, nem mesmo os mais velhos ou menos treinados quiseram usar os cavalos. Em S. José do Barreiro, depois de rápida refeição, tomaram o caminhão para o retorno a Lorena, onde chegaram de madrugada, molhados, mal alimentados, cansados, mas cantando; assim é a AGB"

VI - Dos percalços de uma assembléia da AGB

"Organizar anualmente uma reunião para cem pessoas é sempre tarefa difícil. Algumas vezes ela é facilitada pela boa vontade e apoio de elementos locais entusiasmados com a realização de uma reunião tão importante em sua cidade. Apesar disso, rara foi a assembléia que não teve seus problemas de organização. De uma feita foram as freiras que iriam alojar as moças e que, inesperadamente entram em retiro. Em toda cidade não havia outra possibilidade de acomodação." A solução vem por meio de uma casa vazia que estava a espera de reforma. Depois de carpido o mato do jardim e lavado o assoalho, camas emprestadas foram armadas desde a sala até a cozinha e onde se instalaram vinte moças. Para uma exposição de mapas e obras raras a única vitrina encontrada pertencia a uma faculdade de odontologia que a usava para exibir dentaduras. Tal vitrina estava em mau estado e teve de ser pintada do que se encarregou o professor Aroldo e mais a professora Dora Romariz." Nessa mesma cidade outro problema que levou os agebeanos a quebrarem a cabeça para solucioná-lo. Haveria uma importante palestra no período da tarde e que deveria ser gravada. Mas à tarde por causa do racionamento acontecia o corte da energia. A solução foi encontrada com um gerador quebrado mas que acabou funcionando com o uso do motor de um caminhão emprestado pela prefeitura. Estes são apenas alguns exemplos entre dezenas de outros e que constam relatados nas atas das reuniões.

VII -Novas aventuras e desventuras agebeanas

Neste item a autora relata as peripécias de uma viagem que agebeanos de S. Paulo fizeram para participar de uma assembléia que se realizaria no Nordeste, num ônibus fretado Com os poucos recursos disponíveis somente foi possível o fretamento de um veículo já bem entrado em anos. O pessoal se benzeu e partiu cheio de esperança de chegar ao seu destino em tempo de participar do evento. A "confortável" viagem foi bem pelo estado de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mas ao passar pelo sertão da Bahia, na caatinga, o ônibus pifou. Quebrara-se uma peça vital e no meio de uma estrada completamente vazia. Não passava viva alma. Durante

várias horas o também velho motorista, apelidado de Paraíba, sob o veículo tentava consertá-lo. Por fim desistiu. Sem a tal peça não haveria jeito. Que fazer? Depois de muita discussão, como era praxe na AGB, decidiu-se que um grupo ficaria tomando conta dos pertences do pessoal enquanto outro, iria para frente na esperança de encontrar auxílio. Depois de três léguas de caminhada sob um sol causticante aparece uma vendinha onde se conseguiu uma rala refeição. Ali decidiram descansar já bastante desiludidos. Só pelo fim da tarde apareceu um jeep cujos proprietários, condoídos da situação do pessoal, concordaram em voltar para Vitória da Conquista levando dois dos componentes da turma. Algumas horas depois voltaram com um caminhão trazendo também um mecânico para acudir o motorista do ônibus. O pessoal vai de caminhão até Vitória da Conquista, a cidade mais próxima e novas discussões: prosseguir viagem ou retornar a São. Paulo A maioria venceu e a viagem prosseguiu com outro ônibus em direção a Campina Grande onde se realizava a VII Assembléia em 1952 a primeira a se realizar no Nordeste, onde o pessoal chegou exatamente no início dos trabalhos.

VIII- Do espírito agebeano

Nas reuniões da Associação dos Geógrafos Brasileiros todos os participantes recebem o mesmo tratamento. Já se viu, linhas atrás, como professores universitários realizam tarefas que lhe são atribuídas, mesmo quando se trata de cozinhar, varrer, carregar água. Certo prefeito informado da presença de dois Secretários de Estado, foi procurá-los e encontrou-os junto com os demais num caminhão, em trajes de excursão. Nas pesquisas desaparecem hierarquias. Era comum catedrático das universidades, subordinados, nas pesquisas a assistentes ou ex-alunos. E esse espírito é contagioso. Já tivemos como "chefe de cozinha" a sogra de um governador. Deputado carregando cadeiras para ajeitar o salão para as reuniões, moças da sociedade local fazendo às vezes de secretárias e serviçais. São cidadãos que, assistindo os esforços e entusiasmo dos agebeanos, oferecem seus préstimos e colaboração. Em certa ocasião várias moças da associação varriam e limpavam o chão de uma casa emprestada para alojamento, quando aparece um cidadão, já entrado em anos e que se oferece para ajudar e trabalha horas para ajeitar a casa. À noite nas solenidades de inauguração da reunião descobrem que aquele cidadão era o Vice-Governador do Estado que estava na cidade...

IX – Das assembléias da AGB

Desde sua reestruturação em bases nacionais feita pela reforma da AGB em 1945 até 1969 quando foi realizada a última assembléia antes da reforma de 1970 a associação realizou 24 assembléias com sedes nas mais diferentes regiões do país. Algumas dessas assembléias coincidiam com outros eventos como a IX Assembléia que coincidiu com o Primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado em Ribeirão Preto em 1954. Durante esse congresso foram realizadas pesquisas na região (áreas urbana e rural) de uma extensa área abrangendo Araraquara até Franca Mococa, Casa Branca em S. Paulo e Ibirici em Minas Gerais, A XI assembléia foi apenas administrativa porque coincidiu com a realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia realizado no Rio de Janeiro e que ocupou todas as atenções dos geógrafos. A primeira das assembléias foi realizada na cidade de Lorena quando se inaugurou a prática dos trabalhos de campo em equipes A originalidade destas pesquisas de campo se deve a outro francês Francis Ruellan que fizera esses trabalhos com seus alunos na Serra dos Órgãos. A última, a XXIV foi realizada em 1969, na cidade de Vitória quando cerca de 150 agebeanos, distribuídos em equipes realizaram minuciosa pesquisa envolvendo questões de Geografia Física e também de Geografia Humana com realce para os aspectos industriais, a importante função portuária e o papel da Companhia Vale do Rio Doce e as funções urbanas.

O gigantismo das Assembléias que congregavam cada vez maior número de agebeanos mas que a grande maioria ainda ficava de fora destas atividades, resultando em crescente insatisfação, apontava que este tipo de realização não poderia continuar e seria necessário uma reformulação estatutária e criar condições para congregar maior número de associados. E assim foi feito em 1970 e criada a organização, a cada dois anos, de Encontros Nacionais de Geografia abertos a qualquer interessado e destinados a congregar geógrafos ou especialistas afins dedicados a pesquisa em campos conexos e terão caráter essencialmente técnico-científicos.

X – O que é uma assembléia da AGB ?

*
“Uma Assembléia da Associação dos Geógrafos Brasileiros é uma reunião anual de especialistas provenientes de todos os pontos do País em que a entidade conte com associados o que a rigor, coincide com o território nacional. Essas reuniões tendem a vários objetivos. Antes de mais nada, constituem valiosa oportunidade para o encontro de pesquisadores: principiantes e veteranos das lides geográficas que aí têm a possibilidade de trocar idéias e de absorver experiências úteis. Desse ponto de vista, não seria exagero dizer que a AGB tem sido uma das mais ativas e ecléticas escolas de pesquisa geográficas no país. Além disso nas Assembléias são apresentados -- e debatidos, o que é mais importante -- trabalhos de pesquisa nos mais variados ramos da ciência, estimulando e atualizando o conhecimento geográfico de nossa terra. Assuntos específicos vêm-se constituindo em temas de Simpósios, em que especialistas reúnem-se para sistematizar os conhecimentos, acertar métodos, estabelecer conclusões E, finalmente, há os trabalhos de campo, pesquisas são efetuadas “in-loco” por quatro dias, por meio de um esforço intensivo e uma organização em equipes, de que resultam levantamentos da realidade geográfica da região que resultam em valor intrínseco pelo que representam de original, mas também pela contribuição para a ainda pobre bibliografia especializada brasileira. Assim, geógrafos de todo Brasil mantêm-se em contato, aperfeiçoam seus conhecimentos, e conhecem diretamente as mais diferentes áreas e os mais variados problemas brasileiros Os agebeanos, conscientes de que, mais do que em benefício próprio, vêm realizando bom trabalho em prol da Geografia brasileira, orgulham-se de suas Assembléias. Orgulham-se de sua Associação, nascida modesta, humilde, e que, com pertinácia vem crescendo... A AGB, com suas Assembléias representa uma mentalidade nova, que vem ganhando força em todo país. Em grande parte devido à sua atividade, a Geografia começa ser encarada como uma “ciência aplicada”, que tem sua palavra a dar nos planejamentos regionais e numa série de trabalhos de ordem administrativa. Ninguém roubará à AGB a honra de ter sido a pioneira na renovação do espírito e da estrutura dos congressos científicos no Brasil rompendo ostensivamente com os academismos inúteis e estéreis: ninguém poderá lhe tirar a glória de, à custa de minguados recursos financeiros e de muito idealismo desinteressado, ter contribuído, decisivamente para a implantação da verdadeira Geografia no Brasil.”

Os trechos que se seguem são de Monteiro, C.A. F. que, em sua obra *Geografia no Brasil (1934 – 1977) – Avaliação e Tendência* mostra a evolução dos estudos geográficos no Brasil e que, para sua evolução, a AGB sempre teve participação marcante principalmente como tribuna e local de debates de idéias. Monteiro coloca em sub-item A Implantação da Geografia Científica (1934 – 1948) e diz que a partir de 1934 com a criação da Universidade de S. Paulo e especialmente de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, logo seguida pela do Rio de Janeiro e pela fundação da AGB sob a égide de Pierre Deffontaines, iniciou-se o processo que o autor divide em períodos sendo que o primeiro iria até 1948. Coloca a criação do IBGE que ligado a um caráter pragmático de subsídio político faria uma Geografia revestida de comprometimento com o poder e que logo passaria a ser tida como Geografia Oficial, em contraste com aquela da Universidade. Enfatiza a contribuição de Pierre Monbeig geógrafo jovem que, assumindo a orientação da então cadeira de Geografia, passou ativa e eficazmente à formação dos geógrafos da USP. Um pouco mais tarde, 1940, era contratado pela Universidade do Brasil o professor Francis Ruellan e, em seguida, o alemão Léo Waibel e com rápida passagem também o geógrafo canadense Pierre Dansereau. Com este grupo de geógrafos estrangeiros e de alguns estudiosos brasileiros como Caio Prado Júnior, Roberto Simonsen, Sergio Milliet entre outros, a Geografia começa a firmar-se como ciência.

Monteiro deu maior ênfase, na análise que faz sobre a produção geográfica no Brasil e a participação da AGB, ao período que começa em 1945 quando da reorganização da entidade e ela se torna verdadeiramente nacional e introduz, as assembléias anuais que, como já se viu no relato de Nice L. Müller, constituíram valiosa oportunidade para o encontro de pesquisadores principiantes e veteranos nas lides geográficas que aí têm possibilidades de trocar idéias e absorver experiências úteis. E, ao mesmo tempo, realizar trabalhos de campo e observação direta da natureza que, na época eram considerados essenciais para a compreensão da Geografia.

Foi um período profícuo todavia, em face do grande crescimento da AGB houve a necessidade de se mudar a sistemática das reuniões e, por isso, a reforma dos estatutos da associação em 1970 extingue esse tipo de atividade e em seu lugar cria os Encontros Nacionais sendo que o primeiro se realizou em 1972 na cidade de Presidente Prudente (SP).

Na p.15 de sua obra com o sub título A cruzada Agebeana de Difusão Nacional (1948 – 1958) o autor coloca: "... O entusiasmo após a reformulação da AGB (1945), se desencadeará a partir da Assembléia de LORENA (1946). Sobretudo o trabalho de campo conjunto passou a motivar e interessar cada vez mais os neófitos da geografia.

Não se poderá dizer que aqui, estão contidas as assembléias mais memoráveis, ou mais importantes para os rumos da jovem geografia brasileira, mas parece certo admitir-se que entre Goiânia (1948) e Garanhuns (1955), houve um estilo peculiar e inconfundível de reuniões agebeanas.

Sem muitos participantes ainda, trabalhava-se ativamente em equipes no campo e na cidade hospedeira, numa verdadeira extensão do treinamento recebido dos colegas vindos de outras regiões. E o que era mais importante - um proveitoso debate de idéias a propósito das comunicações ali apresentadas --cultivou um espírito crítico infelizmente fadado a posterior declínio"

"Durante esse período dá-se a saída dos orientadores básicos da geografia no Brasil, que em caráter permanente aqui haviam atuado: Waibel, Monbeig e Ruellan que retornaram a seus países de origem

No Rio já se passava a dar continuidade a essa assistência externa em caráter não permanente mas por atuações semestrais ou anuais como foram os casos daqueles vindos dos Estados Unidos: Clarence F. Jones (1948) (que orientaria uma grande expedição do CNG ao planalto central) e Preston E. James, que atuaria como consultor durante um ano (1948/49)

Em S. Paulo a USP receberia da França as colaborações de Louis Papy e Roger Dion como professores visitantes por curtos períodos. Às vezes os visitantes articulavam suas atuações em palestras e trabalho de campo entre as equipes de Rio e S. Paulo, como foi o caso de Pierre Gourou, do College de France, autor da famosa obra "Les Pays Tropicaux" feito à base de sua experiência asiática...

O envio significativo de geógrafos bolsistas à França e aos Estados Unidos é outra característica desse período".

Sobretudo pelos bolsistas retornados de França houve difusão de novas idéias, revelação de novos geógrafos franceses. Foi o caso da difusão das idéias de Sorre em S. Paulo por Ary França ... e de Tricart, no Rio de Janeiro, por vários bolsistas de volta de Estrasburgo ao longo de todo esse período....

Outro evento significativo foi a realização da Reunião Pan-Americana de Consulta sobre Geografia (IPGH) em 1949. Para ela, entre outros trabalhos, fez-se a série de estudos sobre a população, elaborados na Seção de Estudos Sistemáticos do CNG (Conselho Nacional de Geografia), coordenados por Elza de Souza Keller. Nada menos que 14 trabalhos sobre essa temática publicados posteriormente na Revista Brasileira de Geografia, nesse período foram apresentados naquele certame. Esse foi um tema que teve ai seu período máximo, tendo sido retomado para os dados do Censo de 1950, decaindo a partir daí, sensivelmente.

No decorrer desse período se enquadra a produção de Waibel e daqueles que trabalhavam sob sua direta orientação, seja no Planalto Central, seja nos estudos agrários, em especial nas áreas de colonização do sul (Orlando Valverde, Nilo Bernardes W.A. Egler, dentre outros)..."

"Os primeiros estudos biogeográficos oriundos da influência de Dansereau(Romariz, Kuhlmann) são desse período. Os estudos de climatologia, em sua grande maioria, são o resultado da aplicação da classificação de Köppen, produzidos e/ou orientados por Lysia Bernardes. Estudos geomorfológicos de Porto Domingues e vários trabalhos pedológicos devidos a José Setzer completam a produção do Rio"...

"Dentro desse segmento temporal deu-se a comemoração do IV centenário da cidade de S. Paulo, para o qual os geógrafos paulistas se prepararam condignamente. Não apenas no número especial do Boletim Paulista de Geografia(No. 23) "São Paulo, a Terra e o Homem " mas também no Simpósio: "Aspectos Geográficos da Terra Bandeirante": editado pelo CNG, onde os mais destacados geógrafos paulistas dedicaram-se aos temas capitais da geografia de São Paulo.

Embora editado dois anos mais tarde (no fecho do período) sob a coordenação editorial de Aroldo de Azevedo, preparou-se nesse período uma obra fundamental: " A Cidade de São Paulo; Estudos de Geografia Urbana"

Dentro da característica básica do período, a atividade fundamental foi a própria difusão e dinamização promovida nos encontros anuais da AGB.

As seções regionais se ampliam pela criação dos núcleos: o de Pernambuco, que logo passou à Seção Regional, o da Bahia (filiados ao Rio de Janeiro) e aqueles de Minas Gerais e do Paraná (filiados a S. Paulo). Surgem os primeiros Boletins da AGB - o Paulista (1949), o Carioca (1950).

Começa a produzir e projetar-se o grupo de Pernambuco onde, além da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal, criou-se em 1949, o Instituto Joaquim Nabuco dedicado à pesquisa social. O núcleo baiano, alia a função de Professor de geografia nas Universidades Federal e Católica à de geógrafos do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais de inspiração francesa, notadamente vinculado à Universidade de Estrasburgo para onde se dirigia o contingente principal de bolsistas baianos. Os mineiros, tanto do Serviço Geográfico e do Cartográfico do Estado quanto da Universidade Federal, passam a aderir desde o meio do período, após a Assembléia de Belo Horizonte (1960). Do Instituto Tecnológico do Paraná, um pequeno grupo, liderado por H. Maack, desde os contatos com a equipe de Waibel, passou a frequentar e colaborar na AGB. "...

"Esse período se encerra - como para confirmar o caráter que lhe imprimiu a AGB - com a primeira coletânea de trabalhos geográficos sobre uma região brasileira. A AGB recebera a incumbência da Comissão de Estudos da Bacia Paraná-Uruguai para realizar estudos geográficos subsidiários ao planejamento daquela grande bacia, o que foi feito por um grupo variado de geógrafos a nível nacional, com predominância dos grupos de S. Paulo e Rio de Janeiro. Com a data de 1955 viria a público esta obra que se intitulou: "Condições Geográficas e Aspectos Geo-Econômicos da Bacia Paraná-Uruguai" (II vols) "

A seguir alguns trechos do artigo de Sposito E. S. "Breve histórico da AGB" *Caderno Prudentino de Geografia* No 5 Presidente Prudente 1983 Este trabalho é uma espécie de síntese da trajetória da AGB a partir da sua reestruturação em 1945 até o V Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em 1982 em Porto Alegre e já foi aproveitado por este autor quando das comemorações do jubileu de ouro da AGB em 1984 no artigo Cinquenta Anos de AGB 1934 - 1984 *Anais do II Encontro Regional de Geografia*, Londrina 1984, da mesma forma como os trechos citados de Monteiro, C.A F, e de Müller N.L. e são colocados agora, com algumas pequenas mudanças, com o intuito de promover maior divulgação reavivando a memória dos agebeanos mais antigos e para o conhecimento dos agebeanos mais jovens.

"Em 1945, quando terminaram a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Getúlio Vargas, a AGB reorganizou-se, criando as seções regionais de São Paulo e do Rio de Janeiro e implantando a prática, já na Assembléia Geral anual de 1946, realizada em Lorena, os trabalhos de campo em equipes durante a reunião e debates das comunicações apresentadas. Esse é o início da fase de expansão nacional da AGB da qual uma das características foi a participação de estudiosos de áreas afins que se integravam na atividade geográfica.

A partir daí, as seções locais se ampliaram com a criação dos núcleos de Pernambuco e da Bahia (filiados ao Rio de Janeiro) e de Minas Gerais e Paraná (filiados a S. Paulo). Em 1949 surgiu o Boletim Paulista de Geografia e em 1950, o Boletim Carioca de Geografia para confirmar a principal característica desse período que foi a dinamização e difusão promovida nas assembleias da AGB.

A assembleia realizada em Colatina (1957) tornou-se importante marco para o pensamento geográfico por ser o palco dos primeiros sinais de insatisfação e desejo de mudança quanto aos paradigmas até então seguidos e que também apareceram nas reuniões seguintes (Santa Maria, Viçosa, Mossoró e Londrina).

O ano de 1968 pode ser considerado como marco divisório em todos os setores da vida brasileira: a edição do AI -5, a criação da SUDAM, a transformação do IBGE em fundação incorporada ao Ministério do Planejamento, os reflexos da movimentação estudantil de Paris e, para a Geografia, a chegada aos meios acadêmicos do país, com mais de dez anos de atraso, dos ecos da "revolução quantitativa "

A Assembléia Geral de Montes Claros, nesse mesmo ano, mostrou fundamental mudança na maneira de trabalhar nas reuniões, com estudos regionais propondo temas específicos.

Essa fase, que termina em 1970, e que pode ser considerada de transição, culminou com a reunião realizada em S. Paulo, quando a AGB procedeu a reforma de seus estatutos, substituindo assembleias anuais por Encontros Nacionais de Geógrafos, bianuais, mas mantendo

os Congressos Brasileiros de Geografia, decenais.

Em 1974 foi realizado o III Congresso Brasileiro de Geógrafos em Belém, com a participação de vários geógrafos estrangeiros.

Em 1976, ocorreu o II Encontro Nacional de Geógrafos, em Belo Horizonte, quando já se manifestava uma certa insatisfação quanto à organização da AGB e, mormente quanto à forma de admissão de sócios, divididos em categorias diferenciadas, classificada como elitizante por não admitir o acesso mais amplo de estudantes.

Essa insatisfação ganhou força no III Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Fortaleza (1978) com Armen Mamigonian transformando-se em baluarte da defesa de uma democratização geral da Associação encontrando respaldo nos estudantes – maioria numérica sem direito a voto – e em alguns outros profissionais associados à entidade, e conseguindo a participação do presidente eleito, Marcos Alegre, de modificar os estatutos em futuras reuniões ocorridas em S. Paulo.

Em 1980 o IV Encontro Nacional de Geógrafos realizado na PUC do Rio de Janeiro, foi marcado por certas características importantes: a abertura à presença generalizada de estudantes, inclusive com direito a participar da diretoria da AGB, o que afastou muitos profissionais mais antigos da comunidade geográfica e, com eles o apoio de órgãos oficiais à realização do evento (IBGE, universidades públicas, etc.) uma reviravolta na postura política das pessoas presentes na última reunião da assembléia geral para a constituição da diretoria para o biênio seguinte, excluindo nomes como Milton Santos, Armen Mamigonian e Roberto Lobato Corrêa, que apoiaram a democratização da entidade, e fazendo surgir a liderança de Ruy Moreira.

Nesse ano saiu finalmente a regulamentação da profissão de geógrafo, que havia sido aprovada em decreto-lei no ano anterior, coroando uma luta assumida pela AGB desde o início dos anos 50 e que ainda não está terminada por causa de empecilhos colocados por algumas seções regionais do CREA quanto ao registro definitivo de geógrafos,

De 1975 até o final da década, a associação também se viu às voltas com a polêmica provocada pela tentativa de implantação dos Estudos Sociais, tendo na USP, mormente Pasquale Petrone e José Bueno Conti, o grande reduto de discussão e da reação a essa proposta.

Se o IV Encontro Nacional de Geógrafos mostrou uma clara tomada do poder pelos sócios mais jovens da entidade, no V Encontro, realizado em Porto Alegre (1982), com a ausência quase completa dos geógrafos mais antigos do Brasil, acrescentou-se a essa tendência uma surda disputa de poder entre a direita e esquerda. A diretoria eleita continuou com o sistema de gestão coletiva, iniciada no biênio anterior, de tal forma que, nas reuniões periódicas ou extraordinárias da cúpula diretiva, todos os sócios presentes têm direito à opinião e voto como representantes de suas seções locais “

IN FINE

Pode-se afinal concluir que ao comemorar seus 70 anos e apesar das divergências das idéias e mesmo ideologias –ou por isso mesmo— a AGB vem cumprindo o papel que certamente seu fundador Pierre Deffontaines imaginava para a associação em 1934. A AGB sempre teve participação ativa na evolução da Geografia, confundindo-se a sua história com a própria história da Geografia-ciência. Monteiro C.A. F. não acreditava em 1977, numa Geografia Brasileira eis que esta Geografia era sempre dependente. Haveria padrões universais não brasileiros e que a brasilidade estaria para ser encontrada. Decorridos mais de 25 anos e, em face do grande avanço que essa ciência conheceu entre nós, graças ao esforço, dedicação, abnegação e sobretudo descortino dos verdadeiros agebeanos –jovens e veteranos—pode-se acreditar que várias geografias são possíveis como defende Rodrigues, A M. inclusive a Geografia Brasileira o que significa enorme responsabilidade. Certamente a AGB, que enfrentou tempestades e furacões vencendo-os todos, saberá vencer os desafios futuros.

Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Geógrafos em 1954, entusiasmado com as atividades dos participantes, sobretudo dos mais jovens, um jornalista local assim se manifestou em seu jornal: “Se a AGB está criando gente deste teor, moldando material humano deste feitio, que vão para ela, numa consagração, as bênçãos do País. Porque o de que o Brasil dilapidado de hoje precisa é disto mesmo: homens e mulheres trabalhadores e sérios, de abnegação honesta...” (Boletim Paulista de Geografia No, 18 1954)

Trata-se de palavras ditas quando a AGB completava vinte anos. Oxalá possam elas ser repetidas agora, nas comemorações dos 70 anos, e sempre.

Ao concluir seu artigo, este autor relembra: tudo o que se tem dito e escrito sobre a AGB não passa de algumas lembranças parciais, por vezes ácidas, por vezes apaixonadas e que tocam apenas em alguns tópicos, no momento considerados mais relevantes. Mas são sempre parciais. Poucos são lembrados os movimentos populares em que a AGB esteve presente como deve ser, mesmo, como integrante da sociedade. A verdadeira história desta que é uma das mais importantes associações científicas do país está por se fazer e se trata de uma tarefa de grande fôlego tal a riqueza de momentos memoráveis, felizes ou mesmo infelizes, que dão forma e fazem o corpo deste monstro sagrado que é a AGB. Quem se habilita?

Bibliografia citada e/ ou consultada

ALEGRE, Marcos. Cinquenta Anos de AGB. *Anais do II Encontro Regional de Geografia*. Londrina, 1984.

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. *Anais de Congressos e Encontros*. Vários.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA. *Noticiários*. (Vários números).

GONÇALVES, Carlos Walter P. A Geografia está em crise. Viva a Geografia! *Boletim Paulista de Geografia*. n. 55. S. Paulo, AGB, 1978.

MONTEIRO, C. A. F. *A Geografia no Brasil (1934 – 1977) Avaliação e Tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia/Universidade de São Paulo, 1980.

MÜLLER, Nice L. Aspectos da vida da Associação dos Geógrafos Brasileiros. *Boletim Paulista de Geografia* n. 38, São Paulo: AGB, 1961.

RODRIGUES, Arlete M. Contribuição da AGB na Construção da Geografia Brasileira. Uma Outra Geografia Sempre é Possível. *Terra Livre*. n. 22, São Paulo: AGB, 2004.

SPOSITO, Eliseu S. Breve Histórico da AGB. *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 5. Presidente Prudente: AGB, 1983.